

"Separamos ambos os sexos" declara um quaker americano no século XVIII, "porque, vivendo juntos, sua virtude funde como neve ao sol."

Tôdas essas seitas querem ver reprimido tudo o que acorda os instintos e provoca a sensualidade, exigindo que seus adeptos levem uma vida ascética metódicamente controlada e observada, na qual sejam julgados para sempre todos os apetites.

Conta-se de Francis Asbury, o primeiro bispo metodista da América, que nunca tomou a liberdade de fazer o menor gracejo, por mais inocente que fôsse. "Mostrava a solenidade dum apóstolo. Sua conduta compenetrara-se a tal ponto dessa solenidade, que, quer na conversa quer durante as refeições, jamais abandonava sua dignidade episcopal. Era inimigo mortal de qualquer desmazelamento. Ceder às paixões carnis em detrimento do dever era coisa inadmissível para êle. A carne e o sangue eram inimigos com que nunca pactuava. E quem andava bem trajado ou ostentava marcas exteriores de opulência, era-lhe um motivo de escândalo."

Com a mesma severidade de que eram animados seus antepassados, metodistas, batistas e quakers condenam os adornos, as jóias, o jôgo, a dansa e até os prazeres mais inocentes, os menores atrativos e tudo o que poderia tornar-se para os sentidos motivo de prazer.

Embora as seitas ganhem cada dia mais terreno, o princípio da austeridade dos costumes por elas defendidos em vista da salvação das almas, desempenha doravante apenas um papel secundário no subsequente desenvolvimento social e político dos países anglo-saxões.

Com efeito, a época seguinte, sob as novas formas de que se reveste, quasi que não mais se revela dominada por idéias religiosas. Pois agora, em face do pensamento científico da "Aufklaerung", (1) a própria religião se vê reduzida ao papel duma seita de opposição.

1) "Aufklaerung" sendo palavra sem equivalente em portuguez, mas de uso corrente em todas as linguas cultas, deixamos de traduzi-la.

A palavra "Aufklaerung", applica-se a uma época e ao mesmo tempo ao movimento de emancipação do pensamento que lhe vale seu nome. O "tempo das luzes" começa pela metade do século XVII e estende-se até o fim do século XVIII.

É caracterizado "por um esforço da razão humana guiada pela reflexão filosófica e pela ciência para libertar-se do dogmatismo imposto pela revelação e emancipar-se do autoritarismo da ortodoxia" escreve com muita justeza Charles Guignebert. Como dizia Kant, esse tempo representa o esforço da razão para agir resolutamente, corajosamente e sem se deixar dirigir por outrem. Por sua vez o filósofo alemão W. Wundt afirma que as concepções filosóficas que dominam essa época, merecem o título de esclarecidas em sentido duplo:

1.º por quererem procurar a solução dos problemas da existência baseando-se em reflexões claras, racionais.

2.º por quererem tornar "esclarecido" i.é expandir o conhecimento do que é digno de ser aprendido, capaz de fomentar o bem estar e útil para a educação.

As figuras mais típicas dessa corrente de pensamento são John Locke na Inglaterra, Bayle na Holanda e os enciclopedistas na França.

(Nota do tr.)

Se a desapareição das teocracias calvinistas privara os guardiões da virtude do seu poder terrestre, a "Aufklaerung", por sua vez, os privou do seu poder supraterrrestre. Não basta agora que o depravado não tenha mais a temer a policia de costumes, o pelourinho, nem o cadafalso; já não o ameaçam com a condenação eterna nem com os castigos do inferno. Ainda mais: aprende a rir de tais concepções como de "quimeras e delírios supersticiosos". O desprezo a tôdas as ameaças transcendentais da religião que, durante o regime da restauração inglesa irrompera na revolta dos folgazões com a insolência ostensiva e provocante peculiar a cada nova emancipação recentemente conquistada, fortalecera-se entrementes ao ponto de transformar-se numa concepção filosófica liberal cuja existência era considerada a coisa mais natural do mundo.

Em compensação, já o século XVIII vê surgir um novo estado puritano — não, na verdade, dentro do mundo cultural ocidental cristão e sim na Arábia maometana. Lá, Mahommed ibn Abd-el-Wahab, tal um Calvino do deserto, eleva-se contra os vícios da embriaguez, do uso do tabaco, da sensualidade e da boa vida e condena com uma severidade apaixonada quaisquer especiarias, qualquer luxo, qualquer manifestação de regozijo, mesmo que seja uma simples canção ou uma dansa de bodas. O castigo eterno, assim prêga o "Wahab", espera cada qual que se deleita com vinho, ópio, café, que comemora um casamento ou um entêrro com um banquete. Sòmente graças a uma abstinência severíssima de todos os prazeres carnis é que pode ser aplacada a ira de Allah e quebrado o poder do Diabo.

Longos anos, o "Wahab" peregrinou pelos desertos, percorrendo-os em tôdas as direções. Por tôda parte, as mulheres depunham as jóias a seus pés, e os homens o seguiam entusiasmados. Assim foi que, no coração da Arábia, se formou um Estado que, pelo ódio votado aos sentidos, constituía uma exata reprodução da República da Virtude, de Genebra. Até a opposição manifestada pelos calvinistas contra a arte encontra aquí sua correlação, pois os Wahabitas destruíram em Medina, o majestoso túmulo do Profeta e os minaretes de muitas mesquitas.

Chefiado por Saúd, o sucessor do "Wahab", tão poderoso se tornou esse puritanismo maometano, que ameaçava estender-se a todo o mundo islâmico. Sòmente depois de ter o vice-rei Mehemet Ali chegado do Egipto com um exército organizado e equipado à européia, e invadido a Arábia, a mando do sultão, foi que se tornou possível vencer os Wahabitas e rechassá-los dos santos lugares para o deserto.

Mas a doutrina wahabita continuou a alastrar-se, em parte na Índia, onde o fanático Seyid Achmed sublevou o Pendjab; em parte no norte da África, onde a seita secreta fundada pelo discípulo do Wahab Seyid Mahomet-ben-Senussi, exerceu poderoso ascendente, que ainda hoje persiste.